

o "Noticias" *ilustrado*

EDIÇÃO SEMANAL DO "DIARIO DE NOTICIAS"

DIRECTOR
LEITÃO DE BARROS
DIRECTOR-GERENTE
CAROLINA HENRIQUETO
TELEFONE 201-1
Telegramas: NOTICIAS-COSMOS
PROPRIEDADE DA EM-
PREZA DO "DIARIO
DE NOTICIAS", SEDE
RUA DIARIO DE NOTI-
CIAS, 78-LISBOA
OFFICINAS GRATIAS
OCCASIONA LIMIADA
R.D. PEDRO V. R. - T. 671 N.
LISBOA
PREÇOS DE ASSINATURAS
@ anuall 12 meses
Portugal/Cont- 25000 10000
independente 25000 10000
Estrangeiro 30000 10000
Brasil 30000 10000
Outros países 30000 10000
NUMERO AVULSO 1500

EDITOR: António das Neves Correia



O NOVO E IMPOSANTE MONUMENTO DA AVENIDA DA LIBERDADE A SEMANA DO MARQUEZ DE POMBAL

NO TOPO DA MAGESTOSA AVENIDA DA LIBERDADE, DE LISBOA, CONSIDERADA UMA DAS MAIS BELAS DO MUNDO, ERGUER-SE-HA EM BREVE O GRANDE MONUMENTO AO MARQUEZ DE POMBAL, SOBERRA PEÇA DE ESTATUARIA COMEMORATIVA QUE MUITO ENRIQUECERÁ A CAPITAL.

CARLOTA Joaquina era filha de Maria Lúcia de Parma. Sua mãe, a mulher que tão fustigante foi à Hespanha sob a influência de seu amante D. Manuel de Godoy, era má. Carlota Joaquina foi pelo pai.

D. Miguel foi seu filho. De que paz, ainda hoje se não sabe. Nem a própria Carlota Joaquina, cremos, chegou a saber-lo jamais. O povo cantava:

D. Miguel não é filho
D'el rei D. João;
É filho do João dos Santos
Da quinta do Ramalhão.

Alberto Pimentel, no seu livro, *A última corte do absolutismo em Portugal*, dá-o como filho do marquês de Marialva, D. Pedro, dizendo que o João dos Santos não era seu pai, mas sim de uma de suas irmãs mais novas.

Uma outra canção popular vem talvez pôr as coisas no seu campo de verdade.

Nem do Pedro
Nem do João
Nem do casero
do Ramalhão.

Assim devia ser, D. Miguel tinha tais afinidades com a mais baixa tal que só se podia explicar por comunidade de origem ou identidade de casta.

Mas, enfim, fosse como fosse, certo é que o rei, quasi analfabeto, de gostos ordinários e baixos sentimentos, mais parecia nascido numa cavalariça do que num palácio real.

A julgar á sua provável descendência da escoria plebeia, veio a educação da mãe, mulher ordinária de inteligência e de carácter, a ter-lhe influencia do meio. De tal modo, que não tendo nascido perverso, como se viu mais tarde, a educação e o meio tornaram-no como tantas vezes succede, capaz de todas as maldades.

Deixando de parte, pois não podemos ir além, um artigo jornalístico, dum ligeiro e rápido resumo dos factos, — o assassinato do marquês de Loulé, onde desempenhou, é obvio, o principal papel, assassinato por meios facinorosos; não profundando a sua attitudem na rebelião contra seu pai, ponho de lado o seu procedimento no seu primeiro exílio, onde, cercado de uma verdadeira malta, como em Portugal, se deu á pratica de scenas vergonhosas, vejatos apenas a perdidia, a doblar, e má fé que poz em jogo para se vir sentar no trono em Lisboa.

Muito antes de morrer, D. João VI reconheceu como herdeiro da coroa D. Pedro, seu filho mais velho. Moribundo, nomeou a 6 de março de 1826 a regencia que havia de gerir os negocios do reino, até que a legitimo herdeiro e successor da coroa, eram as suas proprias palavras, desse as suas ordens.

Quem era o legitimo herdeiro e successor da coroa? Ele já o tinha oido e a regencia, presidida pela infanta D. Isabel Maria, confirmou-o, aclamando rei D. Pedro IV. Podia D. Miguel protestar? Admittamos. Seu irmão perdia, deo equo acietara a coroa do Brasil os direitos de cidadão português; mas restava-lhe uma filha, nascida antes desse facto, que não oplara pela nacionalidade

MUSICAS E PIANOS



Ernst Krause
Gramofone, disco de todas as marcas, instrumentos de banda e organos, accorions. Entenham-se poudes á vontade.



SOARES & VIANA
LIMITADA

48, RUA DO LORETO, 50—LISBOA

Pianos HOFMANN & CZERNY
» **CARL HARDT**
» **ERNST MEYER**
Harmoniums MANNBORG
» **HORUGEL**

OS ULTIMOS SUCESSOS DE DANÇA EM DISCOS
Gramofones de todas as marcas
GUSTAVO CARDOSO PEREIRA & C.ª
9, Rua do Carmo, 13
LISBOA
Telefone 1518 Central
O maior Sortido d'Instrumentos Musicos

AS FESTAS DA LIBERDADE EM AVEIRO

A REVOLUÇÃO DE 1828—SUAS CAUSAS E SEUS EFEITOS

P O R B O M E M C R I S T O

brasileira e em quem todos os chavões do direito publico do tempo reconheciam o direito á coroa portuguesa de preferença á D. Miguel, visto que as mulheres eram idoneas em Portugal para reinar: A coroa, dada á incompatibilidade, era o termo consagrado, do herdeiro, a sua falta ou a sua incapacidade, passava do pai para o filho varão ou fema e não para o irmão. Mas pudesse ou não pudesse D. Miguel protestava, a verdade é que não protestou, acietando espontaneamente, antes de toda e qualquer coacção ou imposição de D. Pedro, os factos consumados. Em carta dirigida de Viena de Austria a seu irmão, em 6 de Abril, portanto



mesmo antes de chegar ao Brasil á noticia da morte de D. João VI, apresentara elle á D. Pedro o projecto da sua respectiva successão, reconhecendo nele o seu legitimo soberano como herdeiro e successor da coroa de Portugal.

Assim dizia:
No mesmo dia escrevia a sua irmã, a infanta D. Isabel Maria, regente do reino, dizendo-lhe «que sendo possível que algumas pessoas mal intencionadas, com fins tenebrosos e repugnantes, buscassem excitar no reino commoções de lealdade e criminosas, servindo-se talvez do seu nome para eu... brilhar seus perniciosos desígnios, declarava bem pelo contrario... mais positivamente, que ninguem mais do deo respectiva a ultima soberana vontade de seu augusto pai e senhor, e bem assim que sempre encontraria a sua mais decidida desapprovação e desagrado tudo quanto não fosse integralmente conforme as disposições do decreto de 6 de março de 1826, pelo qual sua magestade imperial e real creara uma junta de governo para reger o reino; até que o legitimo herdeiro e successor dele, que era o seu muito amado irmão e senhor, o imperador do Brasil, houvesse de dar aquellas providencias, que em sua alta mente julgasse acietadas».

Não contente, ainda escreveu ao imperador d'Austria, a comunicar-lhe eguaes sentimentos e a obediencia que tribuava a seu irmão mais velho, o novo rei.

Mais tarde, em 14 de Junho, escreveu de novo á infanta regente, agradecendo-lhe a publicação da sua primeira carta de 6 de Abril. Antes, em 12 de Maio, havia escrito segunda carta a seu irmão, dizendo-lhe «que com infinito gosto aproveitava a oportunidade de libertar aquellas insignificantes e fúteis pretensões de obediencia, acietamento e amor, expressadas já na carta de 6 do mês antecedente, repetindo-lhe nestas os puros sentimentos de lealdade que o animavam para com a augusta pessoa de sua magestade, em quem unicamente contemplava o legitimo soberano, que a Providencia lhe quiz benignamente conservar, mitigando-lhe a dor, que o oprimia, pela morte de seu augusto pai».

Jurou a carta constitucional, nas mãos do barão de Vila Rica, combinou casar com a sobrinha, esteve por tudo, até chegar o momento de arrancar a mascara, tornando publica a traição.

Muito mais, nesse sentido, haveria que con-

tar, se eu estivesse agora resolvido, que não calou, a fazer a historia dessa epoca. Se despo a estes pormenores, se ponho em relevo o mais completo e escandaloso exemplo de doblar politica que conheço em toda a historia, é apenas para justificar e nobilitar a revolução de 1828, cujo centenário vai ser, muito intelligente e patrioticamente, comemorado em Aveiro.

Registe-se pois que, ao contrario do que tantas vezes se afirmou e afirma ainda hoje, D. Miguel não tinha direitos por isso que, pela jurisprudencia em vigor, esses direitos pertenciam á filha do seu irmão e em quem D. Pedro, de facto, despo logo abdicou. Mas se os tinha, ou se os julgava ter, perdeu-os, pela resignação formal e espontanea que immediatamente tornou publica e em que se manteve firme desde 1809 até 1828.

Com espantoso cinismo, D. Miguel a tudo fallou, tudo renegou, desde o primeiro dia em que, vindo do exilio, por lá em Lisboa.

Nesse mesmo dia, 22 de Fevereiro de 1828, a malta, á solta, começou impudente a espantar os liberais aos gritos de Viva D. Miguel, rei absoluto!

Soldados esconderam-se; Vila Flor, Lumiar, Stubbs fugiram. O general Canha, os condes de Vila Flor e da Cunha, bem como o conde de Schwarzenberg, foram, como liberais, apedrejados á porta do palacio da Ajuda.

Em 13 de Março, a camara dos deputados foi dissolvida.

As autoridades começaram de enviar circulares ás camaras municipales exigindo-lhes representações á D. Miguel no sentido dele se proclamar rei absoluto. E D. Miguel assim o fez, escolhendo para esse acto o dia 25 de Abril, anniversario de Carlota Joaquina.

A despecho que os liberais sentiram no primeiro momento, sendo-se ludibriados, seguiu-se, na natural e logica, uma irritação profunda.

Gram representantes de Aveiro na camara dos deputados os desembargadores Joaquim José de Queiroz, Francisco José Orvalho da Veiga e Lima, e o bacharel em direito José Momen Correia Teles. O primeiro, com notavelis qualidades de acção, homem de rara energia, recolheu a Aveiro logo que a camara dos deputados foi dissolvida. Ainda dentro desta, tentara leva lá a prolestar energicamente contra a politica anti-constitucional do infante regente. Não o conseguindo, logo em Lisboa traçou o plano da revolução recolhendo com elle á sua casa de Verdelimilho. E uma vez aqui, procurou polo em politica com actividade febril.

Na sentença de alçada do Porto, que o condenou a que com harão e pregão fosse conduzido



pelas ruas publicas da cidade do Porto, e que num alto cadafalso, que ali seria levantado, de sorte que o seu castigo fosse visto de todo o povo, a quem tanto tinha escandalizado o seu horroroso delicto, morresse de morte natural de garoto, e depois de ter decapada a cabeça fosse o mesmo cadafalso com seu corpo reduzido pelo fogo a cinzas, que seriam lançadas ao mar, para que dele e da sua memoria não houvesse mais noticia, lê-se o seguinte:

«Do infante, perverso e laethoso rei Joaquim José de Queiroz, mostra-se o haver sido,

não só o mais atrevido e ousado conspirador, cabeça e principal auctor dos tramas e maquinacões que urdiram e prepararam o horroroso atentado de 16 de Maio de 1828 nas duas cidades de Aveiro e Porto, mas tambem incansavel e poderoso agente do seu desenvolvimento e acerrimo mantenedor da sua destruidora persistencia e deploravel duração».

E depois de acietar que o réo havia sido membro muito pernicioso e desgraçadamente muito influente da dissiducia camara dos deputados em Lisboa, continua a sentença:

*Mostra-se mais das dilas correspondencias origines, que para levar a effeito este vastissimo e insidiosissimo plano, continuava o mesmo malvado emprehendedor, de accordo com outros furiosos maquinadores confederados, a allear e colligar ao seu infame partido os comandantes e officios de varios corpos do exercito, aos quaes se expediram emissarios de confiança, que foram a Vizeu, S. Pedro do Sul, Ouveira, Coimbra e Porto, para dispor e seduzir os corpos all estacionados ou alojados na sua marcha, os batalhões 7, 9 e 10 de cazadores, os regimentos de infantaria 6, artilharia 4, alem doutros; sendo o mesmo rei o que por seu proprio punho escrevia a maior parte das dilas correspondencias, escolala e industriava os dilos emissarios, destinava as pessoas a quem eram dirigidas e preparava de antemão o espirito daquelles corpos, alieando os pela commoção sediciosa de escritos e periodicos subversivos, que outros conspiradores traçavam dentro e fora do reino».

E assim, com essa sentença, fica inteiramente comprovado: 1.º que o auctor da revolução foi Joaquim José de Queiroz; 2.º que ella foi toda planeada e organizada em Aveiro.

E em Aveiro teve o seu primeiro grito na manhã de 16 de Maio de 1828. Do auto da camara municipal dessa cidade, que Evaristo Luis de Moraes, morto depois gloria amiente no campo da batalha, escreveu, e Joaquim José de Queiroz dictou, consta em termos bem explicitos que o motivo do movimento foi a traição de D. Miguel.

Ele traía os seus juramentos. Ele abollu a carta constitucional em nome da qual seu irmão, abdicando em sua filha, legitima rainha, o nomeara regente do reino. Elle, cidadão de Aveiro all reunidos, não dariam obediencia a um traidor e a um usurpador.

Absolutamente logico. Quem estava dentro do direlho não era D. Miguel, mas os cidadãos de Aveiro.

O movimento perdeu-se, por incipis dos chefes militares que não dos chefes civis. Estes cumpriram inteiramente o seu dever. E então desenvolveram-se scenas da mais fragica tirania, como outras não regista a historia portuguesa. Cortadas as cabeças dos justificados e apedrejados em postes defronte das casas das victimas! Homens a quem se comuta a pena de morte, mas metidos no oratório e conduzidos até junto da forca dizendo-se-lhes só ahi... que lhes foi poupada a vida! O filho do proprio brigadeiro Moreira obrilhado a assistir á execução de seu pai, no Casal do Sodré, em Lisboa!

(CONTINUA NA PAGINA 6)

Bilhetes postais ilustrados

FAZEM-SE PARA TODO O PAIS. COMPETE-SE COM O MELHOR DO ESTRANGEIRO.

Pedir orçamentos
Ocogravura, Limitada
RUA D. PEDRO V, 18



VEET

APLICAR O CREME
ESPERAR POUCOS MINUTOS } O cabelo 'desaparece'
LAVAR EM SEGUIDA

Tudo se resolve com a elegancia da mulher não prejudicada pela natureza do cabelo repulante. Para remover este, basta lavar a cabeça com o VEET. Este remove o excesso de sebo da pele, deixando-a limpa e brilhante, e a cabeça desprovida de cabelo á espreita.

Preço 10500 em 100 rublos
Pelo correio 11500 Esc.
A' venda nas principais casas de artigos de toilette
DEPOSITARIO
R. da Conceição, 35, 2.ª—Lisboa
Telef. C. 2948

USE NA SUA TOILETTE OS PRODUTOS

RAINHA DA HUNGRIA

E TODOS OS DA

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

PEÇA LISTA DE PREÇOS HOJE MESMO PARA

LISBOA
Avenida da Liberdade, 35
Telefone Norte 3641—Telegraphos BELEZA

RIO DE JANEIRO
Avenida Rio Branco 154 e R. 7 de Setembro, 166
Telefone 001—Telegraphos BELEZA

a semana ironica

por NORBERTO LOPES

EM FAMÍLIA

Há dias, viajando no rápido do Porto, tive ocasião de verificar que Portugal é um país muito pequeno, habitado por uma grande família, — a chamada família portuguesa — cujos membros se conhecem todos entre si, com poimenteres que vão até saber se o vizinho do lado usa cuecas ou cuecas de malha — pois é como dizia o Almeida Negreiros.

Com efeito, a gente instala-se numa carruagem de primeira classe — wagon restaurado a ce train — e todas as caras que vão chegando nos são familiares. É o dr. Mesquita, o bom conhecido sanatório da nossa Boa Hora, que vai a Coimbra defender um doutorado passional. (O criminoso toda a gente sabe pela fama que é de Presença, o industrial Pestana, que matou a mulher surpreendida em flagrante delito de adultério).

Toda a gente se conhece. Toda a gente se interioriza. Toda a gente mergulha na vida alheia sem auxílio de telescópio.

—Tás tu? Onde vais tu? Que horas agora? Tus lá! razão? Quem é o marido? É aquele "begrin" russo que tu tinhas em Lisboa? Que é isso? Homem, está mais gordo! Homem, está mais magro! Tu não estás a trabalhar nos Fios de Ouro? Tu não és já diretor da C. P. Y.

As perguntas não têm fim. O cavalheiro só nos larga depois de se informar completamente da nossa vida, depois de saber se preferimos as lojas ou as moedas, se preferimos os nossos pés, se gostamos da nossa barba, se usamos papel higiénico e se fomos à última sessão da moda do S. Luís.

De sorte que o pobre viajante do rápido, quando chega ao seu destino, vai mais amarelo do que uma regueta de Coimbra ou um cavaleiro de ovos molles do Aveiro. É um verdadeiro prazer viajar em Portugal em tão boa companhia — na companhia de toda a gente que nos conhece e que nós conhecemos, infelizmente.

—ADO! ADO!

—Está lá?

—Olga está!

—Parceiras suas francês?

—Do you speak english?

—Lisboa — Madrid — Paris — Londres. O Tejo — o Manzanares — o Sena — o Tamisa.

Enfim, temos um telefone internacional, um telefone que nos põe a cinco minutos de Madrid, a dez minutos de Paris e a um quarto de hora de Londres.

Enfim, começa a ouvir-se em Lisboa a voz da Europa, a voz da civilização, que nos chega, pelos fios telefónicos, através da estensa planura de Castela-a-Velha. Já não era sem tempo.

NORBERTO LOPES



ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA.



— Foi ali que caí, para não mais se ver, a minha segredaria...
— Cuidado...
— Não fadas era uma excitação... mulher...

ecos e notícias d'aquí e d'alá

O boato mais estúpido

Bradar no deserto

Não se sabe como começou nem onde começou. Espalhou-se no ar, como um gaz venenoso, no preciso momento em que ninguém estava munido de máscaras, em que não era Carnaval, em que ninguém desconfiava da gripe.

Numa "volée", elegante, no São Luís Chico. Como camadas de primavera, os camarões transbordam de mulheres bonitas, rós de rosa. No "écraz", um "limp-reposante", que não chega a interessar. É de repente de boca em boca, pelas fendas, pela plúvia, corre, em bocas de pé, saliente e medonho, o boato, que talvez fosse trazido por uma excelente praxia, ingenua e crúdua, só incapaz de ceder na inutilidade que engendra boatos perveros. — A cidade brasileira de S. Paulo foi desolada por um terramoto. Não ficou pedra sobre pedra.

E todo gira em sentido contrário, dentro de estantes de alma. Lá fora, a noite já não é tépida nem perfumada. Cá dentro, as mulheres já não lembram flores. No "écraz", o "limp" agitado, dentro da sua algália elétrica. E todos recordam um parente, um amigo, um simples conhecido que foi arrastado no turbilhão, que ficou só pedras, quando, em S. Paulo, não ficou pedra sobre pedra.

Mis Mary Hall, de Pittsburgh, vai avariar o Niagara, entre pelas brinças das caras e das almas e cuja infame estupe ninguém consegue aniquilar.

As cataractas do Niagara

Há um século que a travessia das cataractas tenta dezenas de aventureiros, ambicionados de glória. Mas os resultados não têm sido brilhantes. Os bucos lançados à corrente d'espuma-se, cecando os passageiros, que, em geral, não admira. Quem pretende atravessar as cataractas a nado, morrem. Dentro de toneladas de metal, já as tentativas terão sido mais letais, se se não tivessem sido de completo sucesso. Agora, noticia-se que Miss Mary Hall, de Pittsburgh, vai avariar o Niagara, dentro dum tonel. Adulmonos de que haja quem ainda se meta em tão arcaica e estúpida aventura. Mas, considerando um velho magister, desvendando o mistério. Em 1901, uma certa Miss Anna Taylor tentou a mesma travessia, também dentro dum tonel. Chegou ao fim quase morta, mas aliada ganhou com a história, porque um americano riquíssimo, que pretendia a laçaria, apaixonou-se logo por ela e acabou em casamento. A miss de ago a lambem por ventura, lá em busca da Ventura, dentro dum tonel, rebolando pelas cataractas do Niagara.

o Homem-féra

por JOSÉ SARMENTO

Os sedutores estão na ordem do dia. Aparecem por toda a parte, de norte ao sul do país, como uma praga maldita. Portugal, o meu doce Portugal, cheio de luz e de primavera, terra bendita, corrompe-se. E a lama das cidades que salpica; é o vício que alastra até aos recantos mais afastados e misteriosos da província. A sedução é a miragem de uma felicidade fingida. A alma da rapariguinha dos nossos tempos deixa-se embriagar por palavras que são a ouro falso.

O D. Juan moderno não tem a audácia, a loucura, a temeridade e a valentia do D. Juan de Meire: «la constance n'est bonne que pour des ridicules; toutes les belles ont droit de nous charmer, et l'avantage d'être rencontrée la première ne doit point dérober aux autres les justes prétentions qu'elles ont toutes sur nos coeurs».

Hoje, o sedutor pratica o seu crime e alapa-se, certo de que não há uma justiça vingadora.

Conheço casos. Tenho nomes no bico da minha pena. É uma grande miséria moral, que vem de cima abaixo, desde as pessoas consideradas circumspectas até ao garço criado e educado à beirinha do exgelo.

Ha gritos abafados de vítimas mas não ha gritos de consciencia nos facinorosos que praticam o delicto.

A sociedade caminha, torvelinha, rodopia no meio dos prazeres e do champagne, da alegria e da estordida, — uma sociedade de d'écaves que se aventura a acotovelar na rua a gente honesta, porque não traz na testa o letril o da infamia.

Os jornais veem cheios de episodios que dariam lacrimas de tragedia, — como o dessa malaventurada que se atirou para debaixo de um comboio, em Sete Rios, quando o sedutor a poz á margem.

Mas nesta grande cidade em que tanta gente labuta pelo pão de cada dia e entra pela noite dentro com a satisfação de ter cumprido os seus deveres, existem focos de perversão moral, uma rede que se estende, invisível, traçoelra, sem pontos de apoio aparentes, que apanha nas suas malhas apertadas a inocencia, o desconhecimento dos maledicos da vida, a candidez das almas virgens de qualquer contacto sórdido.

a semana sentimental

por NORBERTO DE ARAUJO

O ULTIMO CIGARRO

LISBOA é uma cidade adorável. Alegre, comunicativa, a língua de bista, como certos humoristas que nós conhecemos, cuja piada vem sempre envolta num ven de melancolia.

Lisboa não é uma cidade que forneça uma nota sentimental, a não ser que procuremos o assunto na miséria, na pleuguia facinorante, na desgraça que é eterna e comum a todas as raças. Ora isto não seria bem sentimento, mas uma jermada.

O sentimento ainda se pode encontrar no fôrro da ironia. Mas disso não care, por não me compete. E pensava eu, nisto, muito sentimentalizado, quando me surge um velho condiscipulo, com os mesmos 57 anos que eu possuo, dando em conta o que nós levamos adeantados no capitel da vida. Deixei rapaz que teve sempre o bom gosto, que outros dizem mau, de fumar bons cigarros.

As suas economias eram para cigarros bons. Ha anos, quando comparava o Albulah a invadir o metrô, tornou-se Albulah. E todas as meras boas tiveram sempre nele um cliente, á vez de muito bom ventado.

Com a boia chita mediana em vinda, sempre fumo perfumado, exqueto, azul, delicadissimo. Podia não ter para isolar. Jantava um Qrey's, um Tecland creme, um Kediva, um Turmiki.

Como? Não sei. E a sua elegria era communicativa e a sua resignação, espantosa. E então surgiu-me o bom humor. Um pouco grisalho, um pouco "blaze", quasi um pouco "raie" como os maledicos profissionais. Indaguel, Polemista. Quase vende. A vida corral-lhe de mal a peor. Mas — mais nada. Pois, como? O azar da vida toda vendido o ses bom humor?

E só me expetelou da sua desgraça, da sua anteluzia desgraça, quando eu lhe levei a mão ao bolso, e sazi uma carteira de cigarros "Provençeros". Enfim, sim; estava na carteira o bom R. Ele entendeu-me, e disse: — Não te desilentes. Isto é "provençeramente".

Provençeramente! Ultima decisão na escola social! Despedimo-nos, e fiquei a vê-lo afastar-se, chapando o cigarro reles. Tive um pretenimento, que não quero manter. O pretenimento de que a sua beleza moral é hoje um cigarro apagado, e que ele começa agora ao de cima da vida — provençeramente.

NORBERTO DE ARAUJO



OS NOSSOS COLABORADORES

Conforme anunciamos no numero anterior publicamos hoje, o artigo do grande polemista que é Homem Cristo, intitulado «A Revolução de 1828. Suas Causas e Efeitos».

Por motivo de doença do nosso colaborador Americo Coelho, não se publica, em este numero de «O «Noticias Ilustrado» a sua habitual secção de charadas.



— Então, já agora tem as minhas cartelas...
— E a senhor, também, ainda lá a semana passada tem as cartas de Sora Mariana...

JOSÉ SARMENTO

O prego dum juramento

DRAMA EM 9 PARTES, REALIZADO
POR ERICH WASCHNECH,
SEGUNDO O ROMANCE DE
ERNES E. FEY, COM LEE PAR-
RY, VIVIAN GIBSON E HARRY
LIEDTKE.



FRANK, moço alemão
que habitou muito
tempo nos Estados
Unidos, volta à Ale-
manha a fim de en-
contrar a mulher que
não conseguia entre-
ar americanas. Em

Berlim, logo após as primeiras bu-
cas, sente-se pouco animado... Deci-
de, então, ir visitar um seu tio, pro-
fessor, numa pequena cidade do oeste.
Ali, tudo é ainda severo, todos vivem
em paz, ingenua e felicemente.
É nesta adorável terra, em um lar
sereno e cheio de candura, que se
sente preso por uma adorável rapariga,
Regina, loira suave e alma soce-
gada.

E sem que ele dê por isso, pouco a
pouco, aquela singela menina, com o
seu olhar puríssimo, os seus gestos
suaves e iguais, a sua adorável be-
leza, apodera-se-lhe do coração. De-
pois de madura reflexão, Frank de-
cide-se e faz dela sua mulher. Regi-
na, no entanto do seu primeiro amor
entra então num meio social onde,
fatalmente se deve sentir estranha.

A inveja da sociedade onde a
inexperiente criança dá entrada, em
breve a enleia para a perder. Surge
uma jovem pintora, a linda Doris a
qual tendo em vista ajudar Frank ao
seu cargo de vencedor, faz tudo
quanto pode para lhe perder a esposa.
Conceda então Regina a ir — com
mais duas outras criaturas muito em



verga nos salões — ao seu «atelier», a fim de
lhe fazer a retrato, em arte, um esboço a
óleo. Assim sucede, e a pintora apresenta logo
a seguir, com o seu trabalho, um moço muito
em destaque no mundo das elegancias, que de-
de há tempos andava empenhado em despertar a
atenção de Regina, levando ao lar de Frank
a vergonha e a derrogação.

Durante a sua ausência, Regina recebe uma
noite, em casa, um estranho visitante... É seu
irmão, um rapaz perfeitamente perdido, volu-
lente e de péssimo porte, e o qual, tendo já por
uma vez tentado roubar o cunhado Frank, vem
exigir da irmã que lhe dê dinheiro visto que
fugiu para o estrangeiro.

E com burla que a governanta, sem saber
do parentesco existente, presenciava a scena e vê
Regina toda a tremer, obedecendo às exigências
da visita, a qual por fim sai casteloiamente.

Depois de uma curta hesitação, a governanta



julga-se no dever de pôr Frank ao corrente de
tudo quanto presenciou.

Convencido da falta da esposa faz as malas e
abandona o seu lar sem se despedir de ninguém.

No vagão aonde segue, começam a atenuar-
se os odiosos traços que as suas suspeitas pos-
suam: diante dele surgem as formosas e feli-
zes recordações do passado...

Trepa para uma locomotiva desocupada e
volta para o seu lar, onde encontra a esposa
querida nos tranzes da agonia. A desorientada
bravia tentado enforçar-se, depois de escrever
ao marido uma carta que as lágrimas mancha-
vam e na qual lhe contava toda a verdade,
tudo o seu doloroso segredo.

Depois de algumas horas de luta, de novo
a vida volta a animar o corpo da desventa-
rada. A tragédia está tocando o seu termo. É
um delicioso presentimento de futura felicidade
começa então a pôr fim aquilo que fora um
horível pesadelo...



Os jogos olímpicos de 1946



Vai longe o dia em que o deputado celebre de Eça de Queiroz, em pleno parlamento, se ergueu congestionado e convulso e estendendo a destra num gesto largo e profundo, clamou, em resposta ao ministro que propunha a ginástica nas liceas: «Senhor Presidente, nós não ensinamos os nossos filhos para palhaços!»

Vae longe o dia — tão longe — que já ninguém se lembra do velho catuira, ao ver passar, para os campos de foot-ball, toda a população de Lisboa.

Diz-nos-bão que antigamente também se via, e até mais e melhor — e não se fazia ginástica...

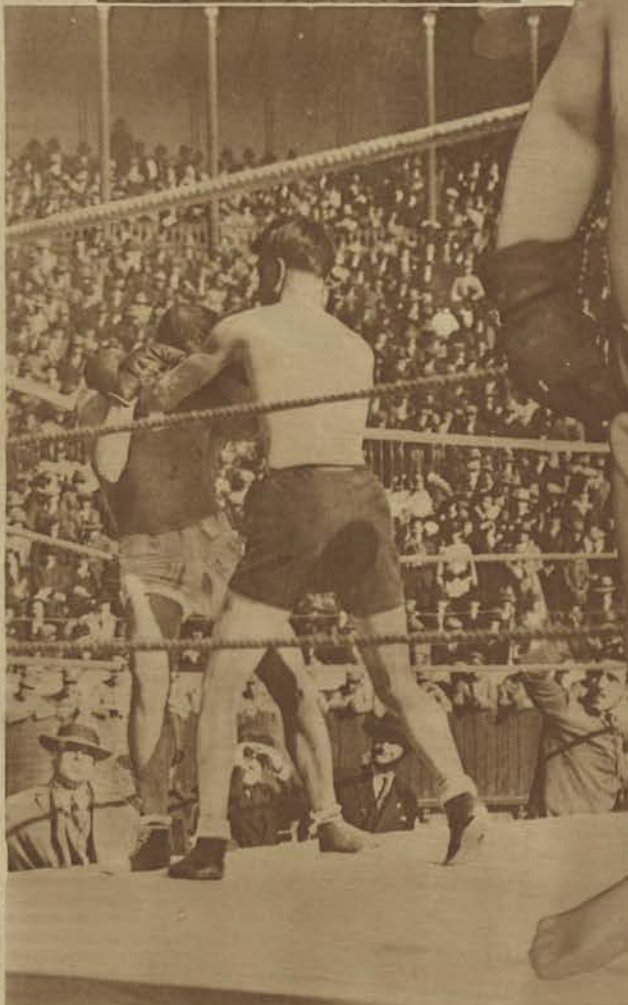
Ginástica fazia-se, simplesmente o que ela não dava era pelo nome... Os velhos jogos portugueses, o pião, o etico, a barra, o alho, o gaia — de que ninguém já se lembra, que quasi já se não praticam entre a rapaziada — eram na sua essencia a mesma ginástica, o mesmo movimento, o mesmo esforço do foot-ball, do basket-ball, do rugby, do polo, do hockey...

Querem melhor «association» do que o jogo da barra?

Outros nomes, outras modas — ou melhor, outras modalidades dos mesmos eternos pensamentos.

Que admira, pois, que hoje, em pleno burburhar de progresso, com Lindbergh todas as semanas, quando as crianças nascem de aeroplano, e ao abrirem os olhos vêem um motor — como fôr do século, como expressão maxima da vida — que admira, pois, os primeiros, que esta pagina, evocação risonha dos futuros jogos olímpicos de 1946, tenha, na sua amalgama de magazine pitoresco, a par da profecia fantástica dum «boxeur» de 3 anos, expressões de realidade, como as corredoras de Charlotemburgo e o pequeno motociclista da exposição do Grand-Palais?

A creança moderna, gerada e criada neste ambiente movimentado de excitação actual, vivendo desde o primeiro momento a velocidade e a maquina como expressões quasi humanas, cria um estado especial de mentalidade — pelo menos diferente do de nossos avós ou mesmo da de nossos pais. E serão mais felizes os homens de amanhã, serão, sim talvez, mais felizes do que nós. Os homens de amanhã, serão, possivelmente, maiores in-



terpretes do que os somos nós proprios. E assim é que, nas creanças devemos fixar todas as nossas atenções, para que, em todos os campos, elas sejam, amanhã, o sinal duma raça reavergida e perfeita. Assim, o sport, como «medicamento» quotidiano e rádio — Julianos — deverá ser um dos grandes elementos para que a outra cultura física se chegue, com a perfeição do corpo, à perfeição da alma. Esta visão tiveram-na os gregos; foram eles que com as suas «stadia» conseguiram essa harmonia de linhas nos corpos dos ephebos e esse dominio mental que ainda hoje nos surpreende e inspira.

Seja, pois, as creanças de hoje o simbolo alegre, vivo, dominador, que ha de florir, com resultado, num mundo novo de amanhã, universal e completo.



DUAS horas. Silêncio. Negro. Uma chuva miudinha, poalha luminosa ao reflexo dos candieiros de luz adormecida. Ninguém na rua; cidade morta, soturna e lamacenta.

Ruy, abstraido da sua personalidade de jovem elegante e galanteador, sentia-se miserável, sem casa, nem família, nem preocupações... a face acotada pelo vento, caminhava semi embuçado, a gola até às orelhas, as mãos no fundo das algibeiras. Sentia-se feliz; um contentamento íntimo embriagava-lhe a alma, de tal forma que o mundo lhe parecia uma coisa bela, cheia de encantos, mesmo sob o aspecto desolador, funéreo, duma noite chuvosa e baça.

Encostado às casas, seguia sem pressa. A uma esquina parou. Viu as horas. Em frente, do outro lado da avenida parecia dormir um palacete igual a tantos outros que margem as ruas dos ricos. Instantes depois, uma janela abriu-se, rasgando um quadrado negro na brancura da pedra.

Ruy atravessou; circundou a grade do jardim, sempre embuçado e cauteloso e desapareceu atrás do portão de ferro que se abriu com um estalido, seco. Na areia molhada rangiam os seus passos. Recoeu o ruído e afrouxou o andamento. A escuta idônea era completa. Uma pequenina porta, lateral, abriu-se também, movida invisivelmente por mão oculta...

Subiu furtivamente a estreita escada de caracol atento aos mínimos ruídos. Ao cimo, sentiu uma fria mão procurar a sua e guiá-lo nas trevas... Pечhou-se uma porta cautelosamente. Uns braços nus enlaçaram-lhe o pescoço e Ruy colou com desespero e sofreguidão os seus lábios nos de Silvia, sua amada.

A meia voz, malor encanto de mistério e crime: — A que horas entrou? — Passava da uma. — Do jogo? — Não... da outra. — Dizes isso com desespero... — E' me indifferente... — Talvez com um pouco de odio? — Se o odiasse é porque o tinha amado ou amava ainda... E tu só vives para ti... — Se ele acordasse... se ele... — Melhor; malava nos... — Não digas isso... O que é preciso é viver para te amar... — Falias assim porque és incapaz de me amar... como eu te amo... até á loucura... até á morte... — A morte!... A morte não é para aqui chamada.

— Vocês, homens, são todos assim. Largam o romantismo ao primeiro bello alcançado. — Esquece-te agora que és mulher... não digas mal do que mais amas.

— É que... Mo se oximar-se a hora de me deixares começa a escurecer-se a minha alma, sinto desejos de revoltar-me, de ir contigo; sinto-me sem forças para recomençar a comedia de todos os dias... — Minha querida Silvia... Se eu podesse... — Não digas banalidades. Tu és o que podes ser na minha vida.

— Se fosse assim como tu dizes, não me arriscava a vir ter contigo desta forma... Parece que estás sempre a duvidar da persistencia do meu amor... Para aventuras já não tenho idade, bem sabes! Quero-te... quero-te sofregamente, e, tenho 16 que um dia ainda possas ser para mim e só para mim, tudo quanto ambiciono, sem necessidade de esperarmos criminosamente a noite para nos encontrarmos...

— Sempre as mesmas ideias... Bem sabes que não posso encontrar-me contigo de dia... ele vigia-me, manda-me espionar. Não quer que eu seja senão com alguém da sua confiança...

— São 5 horas... ouves? — Vamos separar-nos outra vez!!! Quando nos virmos, havemos de pôr a manivela da indifferença, calcar os impulsos de ternura, de alegria...

— Ruy? — Silêncio. O abraço fôra mais estreito, tivera uma contracção de ternura infinita, mas agora ele ficava colado ao seu corpo sem movimento... abstracção... perdido... esquecido... — Ruy? Enluto? — Pesadamente Ruy apoiava-se a Silvia. — Vamos, se forte, como eu... São horas de sair, amor. Já é mais tarde que das outras vezes... — A cabeça decaiu-lhe sobre o ombro, o corpo pesava-lhe muito... — Ruy! Que tens? Fala, amor... — Silvia, com esforço, sentou-o numa cadeira... E beijou-lhe sofregamente as faces, as mãos, o cabelo, queria-o chamar á realidade... Pelas frechas das janelas surgia apenas um cinzento escuro do primeiro alvorecer do dia; mas ali tudo era ainda negro... Uma inquietação angustiosa torturava Silvia... — Ruy... meu Ruy... fala... Valha me Deus... que tens tu? Estás desmaiado? — Silêncio, pezado e lugubre... Pé ante pé, Silvia foi escutar a um e outro lado da casa... molhou um lenço em perfume e velu coloca-lo na testa de Ruy. Queria aquecer-lhe a face com as suas mãos escaldando; queria dar calor ás suas mãos frias, geladas... Um relógio estúpido anunciou meia hora... Dentro em pouco os criados levantaram-se-lam... Era uma imprudencia demorar-se ali... Mas Ruy não voltava a si; ficara num sono profundo, parente do sono eterno... — Ruy... Ruy... desperta... acorda... tu não podes ficar aqui... — A sua mão percorreu o rosto do amante: os olhos estavam cerrados, a boca entreaberta... Silvia teve um presentimento trágico; desabouto febrilmente o colete de Ruy e fôrou o ouvido de encontro ao peito... Silêncio também lá dentro... Sentiu um arrepio muito fino percorrer-lhe as costas... e a testa cobriu-se com um suor frio, estranho... — Morio? Ruy... a sua vida, o seu amor, o seu segredo... Havia-se perdido na sombra negra daquela noite de ventura e sufocação? E agora? Queria reflectir e o tempo fôra-lhe. Passaram no cerebro subitamente as imagens do marido acordando, dos criados, o escândalo, a sua vi-



a que não foi chamada

Novela dramatica (com 3 fins originaes segundo a psicologia do leitor).

— Levo te comigo, sabes? quando daqui ralo sinto a necessidade de passar-me num passelo sem fim, levando comigo o perfume da tua carne... e divago... e recordo... e sou feliz... — Como é diferente o meu regresso á solidão! As vezes choro... outras vezes sinto de seios de correr atrás de ti... appareço no teu quarto quando já não te recordares talvez de mim!! Ah! mas este amor é me preciso para viver... sinto-me forte com ele... Tão forte... — São horas... São horas... — Vamos deixar nos... — Nada me separará de ti...

— Ruy? — Silêncio. O abraço fôra mais estreito, tivera uma contracção de ternura infinita, mas agora ele ficava colado ao seu corpo sem movimento... abstracção... perdido... esquecido... — Ruy? Enluto? — Pesadamente Ruy apoiava-se a Silvia.

— Vamos, se forte, como eu... São horas de sair, amor. Já é mais tarde que das outras vezes... — A cabeça decaiu-lhe sobre o ombro, o corpo pesava-lhe muito... — Ruy! Que tens? Fala, amor... — Silvia, com esforço, sentou-o numa cadeira... E beijou-lhe sofregamente as faces, as mãos, o cabelo, queria-o chamar á realidade... Pelas frechas das janelas surgia apenas um cinzento escuro do primeiro alvorecer do dia; mas ali tudo era ainda negro... Uma inquietação angustiosa torturava Silvia... — Ruy... meu Ruy... fala... Valha me Deus... que tens tu? Estás desmaiado? — Silêncio, pezado e lugubre... Pé ante pé, Silvia foi escutar a um e outro lado da casa... molhou um lenço em perfume e velu coloca-lo na testa de Ruy. Queria aquecer-lhe a face com as suas mãos escaldando; queria dar calor ás suas mãos frias, geladas... Um relógio estúpido anunciou meia hora... Dentro em pouco os criados levantaram-se-lam... Era uma imprudencia demorar-se ali... Mas Ruy não voltava a si; ficara num sono profundo, parente do sono eterno... — Ruy... Ruy... desperta... acorda... tu não podes ficar aqui... — A sua mão percorreu o rosto do amante: os olhos estavam cerrados, a boca entreaberta... Silvia teve um presentimento trágico; desabouto febrilmente o colete de Ruy e fôrou o ouvido de encontro ao peito... Silêncio também lá dentro... Sentiu um arrepio muito fino percorrer-lhe as costas... e a testa cobriu-se com um suor frio, estranho... — Morio? Ruy... a sua vida, o seu amor, o seu segredo... Havia-se perdido na sombra negra daquela noite de ventura e sufocação? E agora? Queria reflectir e o tempo fôra-lhe. Passaram no cerebro subitamente as imagens do marido acordando, dos criados, o escândalo, a sua vi-

da novamente sem um ponto de apoio; fazer sair Ruy. Como? Leva-lo ela? Para onde? Atravessar o jardim onde se começavam a desenharem formas? Deixá-lo na rua a um canto? E se a vissem? Mas ficar ali era perder-se sem 1-1-1-1-1. E depois só tinha desejo de ficar ao pé dele, para saber o que duram os medos, para seguir com os olhos o seu amor... Uma resolução. Qual? Ainda o beijou, agitando-o... apertando-o a si: — Ruy... Ruy... Foi ao quarto vestir um casaco de peles, e segurou Ruy por debaixo dos braços. Parecia-lhe maior, intimo, desarticulado, e arrastou-o até á porta da escada. Na escuridão, recuando os ruídos e quasi sem forças, conseguiu levá-lo até lá baixo... O frio repassou-lhe a carne, o vento fustigou-lhe os cabelos; linha as mãos geladas, e as pernas hirtas do esforço e da tensão nervosa... Olhou a rua... Negro... Candieiros de luz morrente... Uns passos ecoando, barulhentos, ao longe... — O larado parava-lhe cada vez mais, descaldo para o lado... Cambaleante levou-o até ao passelo e largou-o no chão... A cabeça estava exausta... Teve vontade de se ajoelhar de leve dar talvez o ultimo beijo... Mas uma janela acabava de iluminar-se... A janela do quarto dele!! Correu para casa. Lembrou-se de repente que a porta pô-la fechar se, e o coração saltava-lhe elegante a todas estas rapidas sensações... Subiu, amanhada, dilacerada, a escada e esperou o que a sua sorte mais quizesse... S5 enluto se lembrou da frase de Ruy, do seu amoroso e descuidado Ruy: — «A morte não é para aqui chamada!» — E ela, viera! E ela ria-se certamente na escuridão! E ela comprazia-se em quebrar num segundo, aquele amor que se julgava imortal e inatingivel!

FIM

POST SCRIPTUM

O conto acabava aqui. — E enluto o resto? — Ah! Sim... O resto. Mas eu preferia que cada um terminasse a historia como melhor a sentisse. Que diabo! Não é de mais que o publico de vez em quando também construa a sua novela. Mas como nunca ful desmancha prazeres aqui deixo nada menos de 3 fechos impressionantes e novelescos para uso das varias psicologias dos leitores.

1 — Para artistas, espirituais, estetas, etc.

Num supremo esforço, Silvia conseguiu chegar ao seu quarto. Os seus olhos estavam fixos em frente, na sombra, onde via em descomunal forma negra o dorado do bordo, do corpo do seu amante. O rodar dum carro despertou-o. Correu á janela. Como uma lamina de aço sentiu na testa, a vidraça, fria, gotejante pelo lado

de fóra... 6 horas soaram... Vultos passavam apressados... Um homem parou junto do logar onde Silvia depuxera Ruy... Que iria passar-se? Nunca mais o soube.

Na porta do seu quarto alguém batia levemente... Os seus olhos não se desprendiam porém da rua onde o drama ia continuar... Bateram novamente... Silvia não se movia angustiadamente interessada no vai vem de sombras negras junto do corpo de Ruy... Bateram com violencia... Ela ele que, inquieto, forçava a porta. Quando estava prestes a abri-la, Silvia, foi a correr esconder-se entre a roupa fria da cama... Escondeu-se, escondeu-se querendo-se fazer pequena... desaparecer...

E quando a despertaram, á luz do dia, só obtiveram dela uma gargalhada, nervotica, epileptica, que sepultava na loucura o segredo da quele drama íntimo.

II — Para meninas que leem folhetins, jovens das matildes elegantes, etc, etc.

Quando chegou á porta do seu quarto sentiu passos no corredor. Era ele, o marido, que caminhava para ali... Trazia na mão um revólver, e com uma lanterna focou-lhe o rosto pallido e amedrontado... — Que fazes aqui? Donde vens? — Silvia... desfeiteza. Mas teve ainda a coragem de dizer: — Ouvi passos... ruídos... Vinha ver... — Vai para o quarto e espera. Eu vou passar revista ao jardim... Mais uma longa pausa de incerteza e silencio... Depois, o fôco luminoso surgiu de novo á porta do seu quarto...

— Pareces-me nervosa. Descansa, que não está ninguém... Eu também julguei ouvir passos... Algum géluno mais atrevido... Fiz mal em ter acendido a lampada do quarto, talvez tivesse apanhado o malto...

De subito, a campainha do portão começou a reter... Ele abriu a janela e gritou: — Quem é?

Á porta estavam dois vultos: — Abra por favor. Que alguém nos venha ajudar, enquanto se avisa o Hospital e a policia... Silvia perguntava a Deus que novas provas lhe trariam reservadas?

Ouvia os passos daquela gente, conduzindo para sua casa o corpo de Ruy... O marido veio ter com ela: — E' um homem que estava morto, á nossa porta... Queres vê-lo?

Silvia relorquiu rapidamente: — Não... Não. Deixe-me... Sinto-me doente... Ele deixou-a; mas pouco depois voltava, olhando baixo chelo de dúvidas e insinuações: — Sabes, quem é? O Ruy... e ri-se — o elegante Ruy, atascado em lama... Aparente-lhe o pulso e murmurou como com ele proprio: — Que faria ele aqui... Ah! o ladrão!... Sim... o ladrão!!

E desde então viveram a sua vida de martirio, tortura e duvida...

III — Para o «promenoir» governantas, caixeiros viajantes e militares sem grã lação.

Silvia desganhada, com uma expressão horrenda, de quem andara braço a braço com a morte, perguntava a si propria, a mais voz, alucinadamente: «Para que me serve agora viver?»

Subiu lentamente, degraui a degraui, a escada; dirigiu-se ao quarto... e buscou num cofre de prata, um pequeno revolver de cabo de marfim... Aconchegou o casaco de peles junto ao rosto, relanceou a vista por toda aquella sumptuosidade que já não lhe interessava e sentiu que nada ali a prendia... Atravessou a correr o jardim e junto do cadaver de Ruy, zê, deu um fôco, pequenino e cetero, no coração...

E assim acabou a historia daqueles dois entes que tanto se amaram em vida, e que, (ejam lá), nem a propria morte, com as suas garras aduncas conseguiu separar um do outro!! Paz ás suas almas.

ARMANDO FERREIRA

— Em que casa da primeira voluta a mulher? — Na do romancista? — Porquê? — Porque não pôs só dentro a mulher... —

— Vol 1 - volutina 1 O, não tinha também uma manivela de corda? —

— Claro. E' o mistro de S. Otiavio...

— Vol 1 - volutina 1 O, não tinha também uma manivela de corda? —

— Claro. E' o mistro de S. Otiavio...

— Vol 1 - volutina 1 O, não tinha também uma manivela de corda? —

— Claro. E' o mistro de S. Otiavio...

— Vol 1 - volutina 1 O, não tinha também uma manivela de corda? —

— Claro. E' o mistro de S. Otiavio...

— Vol 1 - volutina 1 O, não tinha também uma manivela de corda? —

— Claro. E' o mistro de S. Otiavio...

— Vol 1 - volutina 1 O, não tinha também uma manivela de corda? —

— Claro. E' o mistro de S. Otiavio...

— Vol 1 - volutina 1 O, não tinha também uma manivela de corda? —

— Claro. E' o mistro de S. Otiavio...

— Vol 1 - volutina 1 O, não tinha também uma manivela de corda? —

— Claro. E' o mistro de S. Otiavio...

— Vol 1 - volutina 1 O, não tinha também uma manivela de corda? —

— Claro. E' o mistro de S. Otiavio...

ACTUALIDADES GRAFICAS



ASSISTENCIA AO GIL OPEREIRO PELO MINISTRO DA ARGENTINA, DR. HILARIO MORENO, AO PESSOAL SUPERIOR DA LEGAÇÃO E CONSULADO.



NO PORTO: O AUTO DO VAQUEIRO, REPRESENTADO NO SÁ DA BANDEIRA, PELA COMPANHIA ILDA STICHINI, EM FAVOR DA CASA DOS JORNALISTAS.



VISITA DO AGIDO MILITAR INGLEZ AO QUARTEL DE SAPADORES DE CAMINHOS DE FERRO.—(Clicé Serra Ribeiro).



O REI DE SAXE, NO DOMINGO PASSADO, QUANDO DA SUA ESTADA EM LISBOA.—(Clicé Serra Ribeiro).



DESEMBARQUE DAS LOCOMOTIVAS ALEMÃS ENCOMENDADAS PELA THE MATCH TOBACCO TIMBER SUPPLY COMPANY E QUE SE DESTINAM À LINHA DAS MINAS DO LENA.



O BARCO DE 6 METROS "CAMELIA" ADQUIRIDO PELO SR. CARLOS H. BLECK QUE REPRESENTARÁ PORTUGAL NOS JOGOS OLYMPICOS.—(Clicé Serra Ribeiro).



O SENHOR ARCEBISPO DE EVORA, NO PASSADO DIA 13, ASSENTANDO A PRIMEIRA PEDRA PARA A EDIFICAÇÃO DO TEMPLO COMEMORATIVO DA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA, NA GOVA DA IRIA, EM FÁTIMA.

S. E. A. O PRESIDENTE DA REPUBLICA ASSISTIU NO CENTRO ESPANHOL

À EXIBIÇÃO DA PELÍCULA QUE REPRESENTA A VISITA DE S. M. EL REI D. AFONSO XII A MARROCOS O GENERAL CARMONA FOI MUITO ACLAMADO PELA ASSISTENCIA E RODEADO DE TODAS AS ATENÇÕES POR PARTE DA DIRECÇÃO DO CENTRO ESPANHOL E DO EMBAXADOR DE ESPANHA.—(Clicé Ferreira da Cunha).



ASSISTENCIA AO BANQUETE DOS CORPOS GERENTES DA CASA CITROËN, REALIZADO NO TAVARES.—(Clicé Serra Ribeiro).



O PLACARD ELECTRIC DO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS", EXIBIDO NA DIAZ, PELA PRIMEIRA VEZ, NA CIDADE DE BRAGA.



CASAMENTO DA SR. D. ESTER BEATRIZ DE OLIVEIRA NETTO COM O SR. HENRIQUE DE MELO BARRETO.—(Clicé Serra Ribeiro).



A ASSISTENCIA AO CONCERTO "HIS MASTER'S VOICE" SAINDO DO TIVOLI.—(Clicé Serra Ribeiro).



FINAL DO 2.º ACTO DA OPERA PORTUGUESA "RESSURREIÇÃO" CANTADA NA DIAZ NO COLISEU.—(Clicé Ferreira da Cunha).



GRUPO DE CRIANÇAS, ALUNAS DE M.ª BRITTONS, QUE TOMARAM PARTE NO ESPECTACULO REALIZADO NO POLYTEAMA.



VISITA DE S. E. O SENHOR PRESIDENTE DA REPUBLICA ÀS OBRAS DO MONUMENTO AO MARQUEZ DO POMBAL.—(Clicé Serra Ribeiro).



CASAMENTO DA SR. D. MARIA JOSÉ ANTUNES MARIANO COM O SR. JOSÉ CARINGTON SIMÕES DA COSTA.



O MONUMENTO DA LIBERDADE, EM AVIRIO, EM MEMORIA DA REVOLUÇÃO LIBERAL DE 1820



UM ASPECTO DA ASSISTENCIA ÀS PROVAS DE TENNIS.—(Clicé Serra Ribeiro).



D. JOSÉ DE VERDA.—(Clicé Francisco Santos). O TENNISTA ANDREWS.—(Clicé R. Reis).

LAWN-TENNIS



LAWN-TENNIS—O TENNISTA NEW-ZELANDEZ YONG.—(Clicé R. Reis).



O SENHOR PRESIDENTE DO MINISTERIO TALANDO COM O GENERAL PRIMO DE RIVERA PELA NOVA LINHA TELEFONICA LISBOA-MADRID.—(Clicé Serra Ribeiro).



VANDE VOYE, FANOSO PESADO BELGA QUE HOJE COMBATE, NO CAMPO PEQUENO, COM [CRUZ COELHO].

COMEÇAM A VOLTAR OS TOUREIROS ES- PANHOIS

Vamos ter outra vez toureiros espanhóis, que incontestavelmente fazem grande falta nas nossas corridas. Felicite-se a *afición*, que assim vê posto de parte o impedimento que chegou a formar-se contra a exibição d'esses artistas em Portugal. Fausto Barajas vai iniciar a serie tornando ao Campo Pequeno no dia 27 do corrente.

Fausto Barajas é um dos maiores de touros que melhor anima uma corrida, pelo seu toureiro alegre e variado pelas suas portentosas faculdades e pelo seu inconfundível estilo de bandarilheiro.

Reapparecem n'esta tarde os dois filhos mais velhos de José Castilho, que são já notáveis cavaleiros. José também trará á corrida o seu entusiasmo pessoal, que tanto se comunica ao publico, e dará a alternativa a um moço que a merece, o amador Marcelino Batista que na corrida de 22 de Abril evidenciou qualidades que largamente justificam a honra artistica que vai receber.

MARGARINA

«DELICIOSA»



Especial para pão

A MAIS FINA QUALIDADE



Salão Violeta

COAPEUS de Senhora e Criança

Exposição de novos e interessantes modelos para a estação
Transforma e tinga chapéus de Palha em todas as cores,
Incluindo de escuro para claro—SISTEMA ALEMÃO

Preços resumidos Telefone 3813 Norte
19-1.º, Trav. Cidadão João Gonçalves, 19-1.º
(AVENIDA ALMIRANTE REIS)

Exposição de Sevilla

Aos Expositores Portugueses:

Catalogos - Aluns de Propaganda - Cartazes - Réclames
Bilhetes Postais Ilustrados

Contra toda a competição do Estrangeiro em qualidade e preço



Oco Gravura
LIMITADA

LISBOA—RUA D. PEDRO V, 18 - Telefone Norte 631
ORÇAMENTOS GRATIS

AGUAS RADIUM PURIFICAM O SANGUE
NAS DOENÇAS DE
Fígado, Rins, Estomago, Coração, doenças da pele e todas as manifestações de artrismo
Estabelecimentos ALVARO CAMPOS - L. do Chiado, 12

Fundição Tipografica «A FUNTIPO»

Director Técnico P. GINI

FUNDIÇÃO DE TIPOS—TIPO COMUM, FANTASIAS—
ENTRELINHAS—FLEX, VINHETAS ETC. O MAIOR
MODERNO NESTE GENERO E EM MÁQUINAS TIPO-
GRÁFICAS E ACESSÓRIOS PARA TIPOGRAFIA, BOM
MATERIAL E ACABAMENTO.
Sede—R. Nova da Piedade 62—LISBOA
Filial—R. do Almada 426—PORTO
TELEFONE N. 4206

SERÁ FORMOSA SE TIVER SAÚDE



MOSAICOS

A maior produção de Portugal
Os de melhor fabrico

GOATHON & C.º

A maior fabrica do País

Escritório:
Travessa do Corpo Santo, 17, 19 e 20
Rua do Corpo Santo, 32
LISBOA

Azulejos, Louças sanitárias, Cimentos
OUTROS MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
Pedir catalogo e preços. Telef: C. 1244

L C Smith

(L C Smith & Bros)



A maquina de escrever que, pela sua resistencia e rapidez, todos preferem
Cada barra de tipo trabalha com rolamento de esferas

AGENTES GERAES

THE MODERN OFFICE Ltd.

RUA DO ALECRIM, 107

TELEFONE T. 66



Urotropina

esfervescente Schering

Refresca porque com ela se prepara
uma bebida gazosa de sabor
agradavel
Evita porque é o profilactico mais
eficaz contra as enfermidades do
tracto urinario
Cura porque a Urotropina é segundo o
opinio de todos os medicos, o mais
potentissimo desinfectante interno (con-
tra as infeccoes das vias urina-
riaes, biliares e intestinaes, assim como
contra a febre tifoidal, gripe etc.)

Indica a forte importancia
original Schering



PROSSEGUEM ACTIVAMENTE AS OBRAS DO PAVILHÃO DE SEVILHA



Proseguem com enorme rapidez sob a direcção deligente e activissima do sr. engenheiro Silveira e Castro, as obras do Pavilhão Português em Sevilha. Os illustres architectos que presidem a toda a parte artistica, irmãos Rebelo de Andrade, e o engenheiro construtor Jaime de Castro são os elementos precisos, que melhores não se encontram, para realizar uma

obra, em tudo digna do grande momento historico que é para Portugal a Exposição de Sevilha. Os nossos «clichés» mostram em pleno trabalho os architectos Andrade e seus ajudantes. — O local onde vai ser erigido, em Sevilha, o Pavilhão Português vendo-se, neste cliché, o commissario geral quer do da sua ultima «cópia» a esta cidade espanhola.

Exposição de au- tomoveis STUTZ

UM TRECHO DO MOTOR DE UM
DOS AUTOMOVEIS «STUTZ» —
ASPECTO DA EXPOSIÇÃO — NO
STAND DA RUA DA ESCOLA PO-
LITECNICA, 38, PERTENCENTE
À FIRMA D. ALMEIDA LI-
MITADA.



STAND «JULIO WORM»

MATERIAL PARA RADIOGRAFIA — MODELO DE QUARTO ESCURO SISTEMA KODAK — APARELHO DE PROJEÇÕES SCIENTIFICAS «EPIDIASCOPIO» DE ZEISS IKON A. O. — «KINAMO» PARA MICROKINEMATOGRAFIA, MICROSCOPIOS LEITZ, APARELHO DE REDUÇÕES OKOLI, RADIOGRAFIAS DE MEDICOS PORTUGUESES E «ENCEFALOGRAFIAS DO PROZ. EGAS MONIZ».



S
T
U
T
Z

Os Grandes Isolados

como vive e como trabalha, longe de todo o bulleio, um dos maiores Poetas de Portugal.



Ha muitos anos que a figura esguda, repental, do elegante cidadão que foi Antonio Corrêa d'Oliveira, desapareceu das ruas de Lisboa.

Porquê?

— Lisboa entraga Portugal, Lisboa está a «tragar» Por-

tu- gal». — disse ele, um dia, a alguém que o entrevistou, pouco depois de ter sido colhido aqui, por um vendaval revolucionário, — certa primavera, em que pelos jardins e pelas praças publicas as inocentes olaias, tonas de sol, infloresciam tudo de róxo... E comentava, tranzido:

— Até elas cheiram a sangue!

E' possível que esse golpe «vibrado na sua sensibilidade delicada de artista o forçasse a reprocurar na natureza, que o elegera seu cantor máximo, o refúgio necessario ás suas

quimeras de Poeta, ao seu apostolado de fé e de bondade e, sobretudo — a esse culto quasi religioso por Portugal, que faz da sua obra um evangelhario de Il Lusitania.

E lá se ficou para sempre — ao que parece.

(CONTINUA NA PAGINA 14)



MONUMENTO AO GOVERNADOR FERREIRA DO AMARAL



RETRATO DO SR. GUALTER DE MELLO, POR VARELA ALDEMI-
PREMIADO QUE FOI NA ULTIMA EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE
NACIONAL DE BELAS ARTES.



MONUMENTO AOS MORTOS DA GRANDE GUERRA



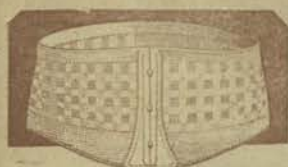
MAQUETTE DO MONUMENTO DESTINADO A MACAU, EM
MEMORIA DO GOVERNADOR FERREIRA DO AMARAL. OBRA
DOS ARQUITETO CARLOS DE ANDRADE E ESCULTOR MA-
XIMIANO ALVES.



MAQUETTE DO MONUMENTO AOS MORTOS DA GRANDE
GUERRA REALISADA PELO ARQUITETO GUILHERME DE
ANDRADE E PELO ESCULTOR MAXIMIANO ALVES.

Cintas abdominais Saber economisar

Marca "POMPADOUR"



Cintas para combater a Obesidade, Dilatação do estomago, Pílores Renal, Gastrica e Intestinal, etc.

CINTAS para a elegancia masculina

Modelos executados e estudados de acordo dos principios scientificos mais modernos

CINTAS para homem, estrangeiras. Modelos em boracha pura e malha elastica, proprios para contencão abdominal das pessoas que se dedicam a Sport, Equitação, Automovel, Dança, etc.

Modelos absolutamente garantidos em todos os casos a que se aplicam, autenticados com os melhores nomes de medicos estrangeiros a que fazem parte dos vantos exclusivos de

A POMPADOUR



CASAS DE VENDA EXCLUSIVA
nossa sede

**LISBOA
A POMPADOUR**

Casa de Espartilhos e Cintas

28, CHIADO, 30

nostra sucursal

**PORTO
ARMAZENS DA CAPELA**

Casa especial de Espartilhos

70, R. CARMELITAS, 70

é saber enriquecer

ESTE É UM DOS TIPOS DE COFRE



que podemos gratuitamente á disposição do publico para conseguir este fim



**PIANOS
AUTO-PIANOS
MUSICAS**

Januario Nunes & C.a (F.ºs)

CASA ESPECIALISADA

100, Rua dos Retruzeiros, 110 - LISBOA

OURO

E JOIAS COM BRILHANTES

Anéis com diamantes, desde 20000. Relógios com objectos de prata, proprios para brinde, desde 6000. Relógios de prata, aço e níquel, afiançados, desde 10000. Grande sortimento muito mais

BARATO

36 na curvatura

Correia & Moura
RUA DE S. PAULO, 196.
(Préximo à Casa da Moeda)



O cigarro da moda

Masse 20 cigarros
ESC. 5500

A VENDA EM TODAS
AS BOAS TABACARIAS

IMPORTADOR:

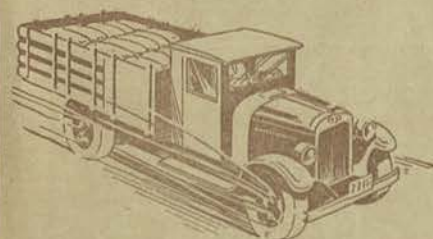
Antonio M. Coelho Serra

R. CAMINHOS FERRO, 55

Camionettes REO



Para transporte seguro, rapido, facil e economico



Preços na Fabrica

500 kgs.	945 dollars
1.000 kgs.	1045 "
1.500 kgs.	1295 "
2.000 kgs.	1595 "
3.000 kgs.	1985 "

**COM MAGNETO
BOSCH BLINDADO**

Os melhores travões do mundo para estradas perigosas

Estes travões hidraulicos, ás quatro rodas, de expansão interna, trabalham com segurança e instantaneamente, em todas as condições da estrada e da atmosfera, estando completamente protegidos. Dão uma paragem absolutamente segura; contudo a sua construção é tão simples que não necessitam os ajustamentos constantes dos outros tipos.

Experimentem a camionette REO e os seus travões
Carga util de 500 a 3.000 Kilos, todas com motor de 6 cilindros

Agentes geraes:

A. CONTRERAS, LTD.

165, AVENIDA DA LIBERDADE, 171
LISBOA (NORTE)

Sub-Agentes no Porto:

EMPRESA INTERNACIONAL DE COMERCIO E INDUSTRIA, LTD.

228, RUA 31 DE JANEIRO, 228

Comprimidos "GIBERT"

O melhor específico da

SÍFILIS

Medicamento infalivel por excellencia na cura da Sífilis e o unico substituto das Injecções e curas de Injecções 914. Cada caixa Esc. 10000, remetendo-se pelo correio á cobrança. A venda nas boas farmacias. Depósito Central: Farmacia Internacional de Lisboa, rua do Ouro, 228. Contra pedido envia-se brochura gratuita sobre a forma de seguir este tratamento.



OPTICA 30 % mais barato

Executa-se de momento ou em poucas horas, qualquer receita medica

Deposito na Rua da Assunção, 25, 1.º (esquina da Rua da Prata) - LISBOA - Telefone C. 609

JOÃO DE SA

(Casa Fundada em 1912)

JAZ

LUMINOSO



BRILHA NA
ESCURIDÃO
GRAÇAS AO SEU
PRODUCTO
ESPECIAL
RADIO LUMINOSO

FABRICAÇÃO FRANCESA

DESPERTADOR DE PRECISAO

A venda em todas as relojarias e ourivesarias

Máquina d'escrever "Royal Portatil"

Uma copia fiel em tamanho reduzido da grande e reputada

ROYAL STANDARD



Soc. Com. Luso-Americana, L.ª

145, Rua da Prata
LISBOA

124, Rua S.ª Catarina
PORTO

"O BÉBÉ ILUSTRADO"

Publicação quinzenal, interessante, destinada ás crianças. Contos, Historias de folclore educativo, Poemas, Maximas, Adivinhas, etc. - De dois em dois numeros "O Bébé Ilustrado" dá uma folha grande colorida para recortar. Outra manilha em papel de luxo, profusamente illustrada. Cada numero UM ESC. 10000. Assinaturas por séries de 10 numeros Esc. 10000.

Redação de "O Bébé Ilustrado" Praça dos Restauradores, 13, L.ª

o "Noticias."

ilustrado

EDIÇÃO SEMANAL DO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

DIRECTOR
LEITÃO DE BARROS
DIRECTOR-GERENTE
CAROLINA ROMENCHIKOFF
TELEFONE 351-1
Propriedade: NOTÍCIAS-COMERCIAL
PROPRIEDADE DA EM-
PREZA DO "DIÁRIO
DE NOTÍCIAS", SEDE
RUA DIÁRIO DE NOTÍ-
CIAS, 78 - LISBOA
OFFICINAS GRÁFICAS
COCQUAULT LIMA
R. D. PEDRO V. N. - 1. 015
LISBOA
PREÇOS DE ASSINATURAS
6 meses 10000
Portugal Cont-
inental e Insular 35000 20000
Estrangeiro 40000 25000
Brasil 45000 30000
Outros países 50000 30000
NÚMERO AVULSO 1500



SPORT E ARRUÇA...

CESAR, O JOGADOR QUE VÕA... PRESO!

NO ÚLTIMO DOMINGO, AS FESTAS SPORTIVAS NO CAMPO DAS AMOREIRAS, FORAM CARACTERISADAS POR UMA LAMENTÁVEL FALTA DE CULTURA CIVIL E DE ESPÍRITO SPORTIVO—QUE OS INSTANTÂNEOS FLAGRANTES DE FERREIRA DA CUNHA FIXARAM NESTA PAGINA. É PRECISO QUE OS NOSSOS HOMENS DE SPORT, QUE TÃO BRILHANTES EXIBIÇÕES TEM FEITO ULTIMAMENTE SE COMPENETREM DA SUA ALTA MISSÃO EDUCADORA E SE NÃO COMPORTEM, COMO ARRUACEIROS DE VIELA, EM TORNO DUMA BOLA DE TRAPÓS...